

PARTE 1
ACEITAÇÃO DA MISSÃO



Para todos aqueles que seguros
Caminham pela Mãe-Terra
Guiados pelo “Eu Sou”
Fortemente orientados em suas escolhas
Com suavidade e determinação.



Sintonizada com a presença “Eu Sou”, eu esperava por um alguém. Coloquei-me, diante da floricultura, intuída pela Alma, no resgate urgente a cumprir. Perto de mim, cercada de afetuoso cuidado, uma senhora, atraída para o local, apontando para a exposição de flores, vibrantes e majestosas; em um ímpeto, fazia-me inspirada, levar para minha casa os mais preciosos exemplares. Invisível aos demais no plano físico, que não a podiam perceber em veículo astral ia me acompanhando, escoltada para o encaminhamento espiritual; falava remetendo-me desdobrada ao cenário requerido, à visualização de suas lembranças experimentadas da vida passada, de seus alegres e coloridos canteiros, ajeitados em organizadas mandalas, enfeitando o seu perfumado jardim de outrora; iludida mal entendia sua condição. Lá, no atual presente, para o providenciado estacionamento, espaço tomado e cimentado pelos herdeiros, indiferentes de suas paixões e de seus quereres. Desolada detinha-se em sua pequena casinha, decepcionada e apegada, observava as pessoas, seguindo normalmente suas vidas; causava com sua contínua presença astralina certo desconforto, mal-estar sintomático demonstrativo de bloqueios bioenergéticos, e mesmo sem isso esperar, gerava conflituoso relacionamento entre aquele casal morador.

Flores azuis luminescentes, as mais belas e etéreas rosas de cristal azul, sinalizavam o caminho daquela mulher desencarnada. Tomava, junto ao coração, a comovida dama, a flor de Luz ofertada pelo acolhedor e numeroso grupo espiritual socorrista, que a aguardava, posicionados do outro lado do portal aberto, no espaço-tempo, dois mundos associados no desígnio de assistência; do lado de cá, no plano físico, os trabalhos da casa kardecista. Ela ia lentamente percorrendo a florida passagem, surpresa naquela nova realidade alcançada, e junto a cada desabrochada rosa, ofertada por um dedicado irmão generoso, em celebração era recebida. O transpasse após momentos tão difíceis superados, relatados aqui na Terra e sua intensa dedicação aos reinos da natureza fizeram dessa amorosa senhorinha, de vida tão simples, porém intensamente interiorizada, de cumprida missão, ser recepcionada, com honras e amparada, pelos Mestres da Luz, para o mais elevado plano dimensional por ela sintonizado. O canto angelical, emitido das mais Altas Esferas, céus espirituais, era ouvido por alguns dos participantes encarnados, aqui no plano físico, por meio daquele portal acessado, canalizado pelo grupo de irmãos voluntários e trabalhadores. A irmã que partia liberta era saudada de volta ao verdadeiro lar. A bela Alma fora encaminhada, agora mais lúcida e desapegada de suas dores e de suas obras.

A Rosa terráquea (a espécie, *rosa grandiflora*) é uma classe de belíssimo e suave matiz rosa, que no plano tridimensional ascende ereta, chegando a atingir altura de até dois metros e, suas flores, em grande número, acomodam-se em hastes individualizadas. Como recurso vibracional utilizada, terapia floral, pertence ao Terceiro Raio Divino, o Raio Rosa, qualidade Divina (do Amor Incondicional, Fé, Tolerância, Beleza, Força Magnética e conformidade dos corpos dimensionais), está também integrada ao Décimo Segundo Raio Opalino (Esperança e Inspiração).

A Rosa holográfica citada é um Holo floral (floral holográfico inserido ao Ser multidimensional), ofertada é ferramenta da Luz, canalizada das Altas realidades espirituais, decididamente não pertence ao mundo físico, pois possui acelerada vibração de cura, superando em

disparada até mesmo a frequência do floral vibracional físico; conservou-se vibrando, tal qual alento sanativo, para harmonização e cura dos associados veículos dimensionais e de seus respectivos mundos, apaziguando e libertando aquele ego, remetendo a assistida em questão, ao amor incondicional, à esperança e à inspiração no Alto, seu “Eu Sou”. De um azul muito claro e sutil, tênue como o mais fino véu de luz, vibra cintilante, o recurso, a flor, vertendo sua frequência superior; manteve-se projetada a apenas a alguns centímetros do seu veículo astral, acomodada ao *chakra* Cardíaco e conectada a este Portal Interdimensional, permaneceu consagrada ao Campo Eletromagnético da socorrida, mulher em processo de transpasse desencarnatório. Sobre a assistida o recurso aplicado, qualificando sua aura agora recomposta. A Luz Divina, recolhida diretamente do Primeiro Raio Azul – Qualidade Divina, representando a Força, o Poder de Deus, provinda e espargida por meio do Reino Angelical.

O vórtice cardíaco tratado pelo reparador recurso holográfico associado está atuante, aos relacionamentos românticos acertados e sadios, da generosa autoaceitação, da benéfica convivência interpessoal e íntima; pertinente com a grande família humana, unida em conformidade; vibra no amor, incondicionalmente, como já descrevemos. A serenidade da consciência feminina é transportada e, meritoriamente, a atenta senhora, suavizada de delirantes paixões inferiores, aceita o caudaloso banho de plasma cristal – o poder da Luz gerado por meio do Espírito. Assim recuperada, requalificava a totalidade daqueles veículos multidimensionais, seus corpos sutis que compõem o ser na sua totalidade, agredidos e alterados, necessitados, principalmente neste caso, amplificava a energia do Corpo Astral, evocando purificados sentimentos, anteriormente infiltrados e vitimados, como que por vírus eletrônico, programado para aniquilamento. O Holo floral, floral holográfico, não físico, possui infinitamente maior abrangência na aura e nos seus mundos relacionados, comparativamente aos Florais vibracionais físicos, “materializados”.

Os Raios Divinos aqui citados partem do Grande Sol Central, o Sol por trás do Luminar físico, Deus Pai-Mãe, alçando seus filhos por

meio da Luz Cósmica. Estão disponíveis para quem deles, consciente ou inconscientemente, canalizá-los. Os Raios Primários estão em número de sete, desdobrando-se destes todos os outros, até onde alcançamos, se especializando infinitamente; os Raios Extraplanetários, Rosa, Prata e Dourado, vibram em altíssima atividade; o Raio Diamante que vibra em potente frequência, puro e espetacularmente luminoso, contém todos os *pranas* (energia vital) de Deus, dirigido pela Consciência Suprema. Podemos descrever um número de doze Raios – Virtudes Divinas – envolvendo os seres terráqueos. O Primeiro Raio está qualificado com as virtudes da Fé, da Força e do Poder de Deus e da Vontade Divina, sua frequência vibratória é o Azul-rei com Raios Branco-cristalino; o Segundo Raio com as virtudes da Iluminação e da Sabedoria, do Amor e da Paz, e sua frequência vibratória é a Chama Dourada; o Terceiro Raio com as virtudes do Puro Amor Divino e Incondicional, da Reverência e da Adoração, da Beleza e da Tolerância, e sua Frequência é a Chama Rosa; o Quarto Raio com as virtudes da Ressurreição, da Pureza e da Ascensão à Luz, e sua frequência prânica é o Branco-cristal; o Quinto Raio com as virtudes da virtude Divina, da Verdade e da Cura, da Concentração e da Dedicção, e sua frequência prânica é a Chama Verde e o Branco-cristal; o Sexto Raio com a qualificação Divina do Amor, da Paz e da Misericórdia, e sua frequência prânica é o Rubi-dourado (o que o amado Mestre Ascensionado Jesus Cristo veio trazer a humanidade); o Sétimo Raio com as virtudes do Amor, da Misericórdia, da Compaixão, da Transmutação e da Liberdade (no vindouro período de dois mil anos), e sua Chama é a Violeta; o Oitavo Raio Divino com a Virtude da Clareza e Claridade, e sua frequência vibratória é o Verde-Água; Nono Raio é o Magenta, o Rosa e o Dourado e a Virtude Divina é a Harmonia Divina e o Equilíbrio, e seu prana é o Dourado e o Rosa; o Décimo Raio é a Paz Solar e o Conforto, e sua frequência vibra Dourado Solar e Rubi-dourado; o Décimo Primeiro Raio é o Propósito Divino, o Entusiasmo, a Leveza e a Alegria, e seu prana é o Pêssego; o Décimo Segundo Raio é a Esperança e a Inspiração, e prana é o Opalino.





A cada nova projeção do Espírito imortal
nasce uma personalidade encarnada.
De providencial molde programado,
veste-se o Espírito e o ocupa na
plenitude da sua experiência,
de um corpo orgânico e perecível,
feito da energia do generoso e
provedor planeta a que deve
experimentar e lapidar-se,
quanto Alma manifestada.
Pensamos nós, eternamente e
desapercebidamente iludidos,
por um momento convencidos,
ser o mundo físico real e único,
aquele que reconhecemos como palpável e concreto,
onde nascemos, vivemos e morremos no
fiar dos eventos dessa linha de tempo,
reconhecidamente tridimensional.
Esquecemos de nossa verdadeira
origem Divina, de nosso verdadeiro lar,
das ferramentas e dos recursos trazidos da Luz.

Amedrontada com a neve, uma reação como nunca antes pensara ter, eu visualizava o cenário, desdobrada e atuante em veículo astral. Orientada e na companhia de dois trabalhadores da Luz, era envolvida pela densa e reconfortante coberta felpuda, azul opalina, ferramenta holográfica, que, à minha frente, se desdobrava disponibilizando amparo e proteção. Os mentores da Luz me conduziam amiúde, dia após dia, à missão a que me dispus, amorosamente aceita; contavam com minha atenção e deslocamento para a tarefa proposta, neste caso, o resgate daquele irmão assistido.

Ao longe, a avalanche estrondosa cobria o grupo de esquiadores. Apressadamente eu cavava a neve, sinalizada a posição exata a procurar, marcada pelos galhos nus da árvore tombada, fez-me alçar o homem recém-desencarnado, puxando-o pela mão astralina. Envovi seu corpo astral contra o meu enrolando o irmão inconsciente de sua recente condição, naquela providencial manta de proteção; tarefa realizada, o assistido agora pode ser conduzido à merecida recuperação após tão grande sobressalto e súbito transpasse a outra realidade, adentrando aqueles planos dimensionais e adaptando-se, em seu tempo e ritmo, a sequência da nova vida.



Na noite anterior os preparativos necessários para a minha tarefa a cumprir, foram providenciados a tempo. Eu deveria guiar ao atendimento mais um irmão aos programados trabalhos espiritualistas de assistência. Iludido na linha de espaço-tempo, acessado em sua realidade, já o podia perceber no meu mundo dimensional. Posicionados naquele cômodo, bem junto ao canto esquerdo do meu dormitório, cavaleiro e cavalo abalizavam suas marcantes presenças. O homem, montado em seu imponente e negro corcel, atemorizante imagem, tomado de macabra e sombria vibração, aguardava inquieto por entendimento daquele mundo incomum que percebia. A figura tão real e aterradora daquela personalidade resgatada, guerreiro empunhando sua espada intimidante, fazia o Mestre da Luz vir ao meu socorro orientando-me

da verdadeira condição daquele necessitado. Bufando e relinchando o indócil, desmedido e negro animal raspava e batia os cascos no chão, sustentado pelas patas traseiras, arqueando o gigantesco corpo para o alto; caracterizado, o equino suportava adereços, trazia em sua cabeça alegoria adornada de escuro penacho firmado na rústica e pesada armadura; levava arreios, que similares, eu nunca antes havia visto. Seu cavaleiro igualmente trajado por grosseira armadura portava também a negra pluma encravada em seu elmo; não se podia ver a face; entrea-berba a viseira encobria seu olhar emblemático.

Lúcida da patrocinada campanha socorrista, eu deveria agora repousar em paz, sem medo da aparente ameaça. Mostrava-me o Mestre da Luz. Maurício, o assistido, mostrava-se permanentemente fixado no tempo passado, no ano de 1501, época de seu desencarne sangrento. O rapaz, naquele momento funesto, seria conduzido ao campo de batalha com sinistro intento. Projetara-se, desde então, prisioneiro do seu mundo particular, medonho e calcinado inferno. Eu o seguia com meu olhar infiltrado, concebendo aquela realidade plasmada. O cenário tenebroso de estreito e tortuoso caminho escarpado, mentalmente formatado, era ladeado por vegetação morta, céu cinzento carregado de vermelho tingido de púrpura cor. De longe se podia ver o castelo, montanha acima.

No restrito recinto do mundo atual o homem assinalava presença, colocando-se agora apto ao atendimento espiritual agendado. Inquieto caminhava em volta da grande mesa, de um lado para o outro, cercado os médiuns reunidos em trabalho fraterno. O assistido foi manifestando-se por meio do meu aparelho vocal. Eu, na tentativa de tradução do seu idioma natal, buscava passar na íntegra a comunicação requerida. Pedia a *frau*, a dirigente daquele grupo, e a *fraulein*, pois assim ele me considerava e via, que o pudessem auxiliar a compreender a situação a que foi exposto. Imediatamente, Maurício conseguiria retornar ao lar perdido, adentrar a morada de sua família, transpassando a pesada porta daquela realidade, retrocedendo e remetido na linha de espaço-tempo. Frenético e saudoso pensava em sua expedição, por desbravar e reencontrar seus amados familiares. Inserido no cenário, imediatamente sua armadura desfez-se, transformada em leve

indumentária; um homem de belo porte, expressiva face emoldurada por acobreada e ondulada cabeleira à altura dos ombros. Recuando no tempo, vislumbrou, captando, cena após cena, de sua longa ausência, quadros vividos pelas personalidades em passado longínquo. Debruçado sobre a mesa rústica entalhada, o pai, à luz de velas, pena em punho, contabilizava e anotava o resultado de seus lucros recebidos; avarento com seus tesouros de família, ele separava incontáveis moedas de ouro em altas pilhas. Permanecia o homem desconectado agora da harmonia e da prosperidade do tempo de Maurício, administrador justo, bom pagador e investidor. Sua irmã mais moça, soube então ser eu, personalidade passada. Aos farrapos, comendo migalhas, a vaidosa e honrada donzela, na torre lateral à construção, esperançosa aguardava seu irmão, jogada, aprisionada e esquecida até seu desencarne. De-tive-me às emoções projetadas pela triste jovem abandonada; seu dourado e longo cabelo de luz foi bem rente cortado, inveja atroz, quase arrancado; à mostra, sua cabeça coberta por feridas abertas. Maurício, reconhecendo sua irmã, abraçou-a forte e agora pôde libertá-la de seu cativo. Eu o seguia pelo amplo castelo, ele à procura da mãe e do pequeno irmão. Desceu rapidamente e, aos pulos, a escadaria de pedras em espiral, acabou por presenciar, deslocado no tempo, a trama a que todos foram vítimas. Sua mãe foi desprezada pelo desviado companheiro arrebatado e assassinada pela jovem que ostentaria com autoridade seu lugar. Depois, seu ganancioso pai também sucumbiria, enganado. Seu irmãozinho foi entregue a pessoas que, em um futuro bem próximo, aproveitariam de seu trabalho nos campos de aveia. Para que toda essa trama ocorresse a contento, o valente jovem deveria ser isolado da família e, para tanto, foi providenciado, enviado em missão disparatada, reviveu todo o cenário que à emboscada sucumbiu. Perambulou solitário, renitente, durante séculos, pelos nebulosos caminhos de sua mente, desesperado, acreditando-se ainda possuidor de um corpo de carne e de uma morada acolhedora para retornar, jamais acessada. A compreensão de sua realidade e de todo tempo perdido, renitente, o fez liberar-se de todo sofrimento, das amarras da falsa guerra e ser conduzido ao auxílio da Luz Maior.

Quando a personalidade atual presentemente atingida por quadro sintomático ou descompasso emocional opta por mover-se corajosamente no ritmo da autocura, em sua empreitada assumida, ela seguramente é patrocinada ou apadrinhada pelos Mestres da Luz. No plano multidimensional, com tamanha força purificadora, oportuniza liberdade, envolve e afeta positivamente todos os caminhos vertentes que conduzem a realidades paralelas, curando todas as mazelas contidas; relacionadas essas, acessam outras individualidades associadas, desatando o danoso emaranhado. Abre portas na linha de espaço-tempo, para frente ou para trás, fazendo despertar companheiros viajantes para o socorro merecido e até, como no caso de Maurício, nova oportunidade de reencarnação, promovendo sua ininterrupta evolução. Maurício libertou-se por meio de minha atual personalidade e alforriou-me do passado sofrido e das enfermidades ainda influenciadoras na atualidade de minha personalidade, anterior no tempo.

Também a personalidade viajante da Senda espiritual constrói sólido e salutar alicerce elevando os mundos e seus quase incalculáveis eus personalidades, Endereços Energéticos lá existentes e comunicantes. A negação ou a demora na resolução dos conflitos gerados, dos incontáveis traumas, fazem bloquear os Portais Interdimensionais (*chakras*), imprimindo na Aura sua vibração, refletindo em seus respectivos mundos dimensionais e relacionados veículos de expressão inadvertidamente e as ditas enfermidades podem “materializar-se”.



Recolhida naquela suíte de hotel, fatigada pela doença, eu repousava, bem longe de casa, na viagem escolhida. Minha garganta tentava expurgar todo aquele volume congestionado de densa nuvem aderida, purulenta e escurecida. Aproximando-se do leito, cruzando a parede, colocava-se ao meu lado o belo rapaz, depois percebi ser meu filho em vida passada. Podia sentir o amor brotando do meu peito maternal, a saudade e o respeito por aquele Ser maravilhosamente belo e puro. Agradecida pela graça e tanto amor emanado, recebida a cura daquilo

que em desarmonia havia permitido intensificar-se, aderido ao meu *chakra* Laríngeo (localizado na região do pescoço, garganta, e suas glândulas associadas). Sentia seu suave toque, impondo as mãos sobre minha testa, o beijo impresso ainda hoje. Pensei por um momento que, no presente, aquele filho de outros tempos reencarnaria por meio do molde que naquele momento eu gestava, porém, o moço foi logo esclarecendo, amoroso, que no futuro nos veríamos numerosas vezes. Ele faria parte do fraterno grupo de irmãos orientadores, em Ramatis, dos Mantos Dourados, daquela casa da qual eu faria parte um dia como trabalhadora e voluntária seguidora dos preceitos de Lacerda – a Apometria. Ali eu seria conduzida por ele, proporcionando, assim, valiosa oportunidade de evolução e de ferramenta de reparação dos erros cometidos em vidas passadas. No princípio, eu via o Mestre Ramatis no meu lar, sua forma holográfica se projetava, passando seguidas vezes de relance, chamando minha atenção com sua capa branca. Generoso, ele queria que eu me movesse sem mais demora ao trabalho espiritual já delineado. Fui conduzida a certa casa, encontrando o amado Mestre do Manto Dourado, que em auxílio à mãe de outrora, pouco esclarecida, pôde encaminhar-me às tarefas patrocinadas. Do grupo de estudos ao de trabalhadores voluntários, abertos ao auxílio também ao público necessitado, ao longo do tempo, pude perceber dois grupos de irmãos da Luz, dos Mantos Dourados, um deles, meu filho de vidas passadas, e dos Mantos Prateados, conduzindo o atendimento em geral daquele local.

Havia escrito, há muitos anos passados, em um volumoso e pesado caderno de mensagens repetitivo nome, que se lançava vibrante em minhas meditações. Agitava-se pulsante o nome na luz e, envolvido por luminescente placa de neon, do Alto projetado eu canalizava, o nome do irmão Lacerda, fundador da Apometria no plano físico. Assim eu era alertada, por indicação do local acertado onde encontrar o veio para o meu desenvolvimento espiritual, caminho à prosseguir. Este elevado irmão, já desencarnado, proporcionou e proporciona muita luz e aprendizado a infinitos grupos de estudo estabelecidos como voluntários trabalhadores da Luz. Lacerda foi o homem que iniciou e desenvolveu, sistematizando no plano físico, por meio

da canalização originalmente recebida dos Mestres, os procedimentos corretos da Técnica Apométrica, diretamente do Mestre Ramatis, antes dos ensinamentos serem desviados pelo limitado, falho e conflituoso entendimento humano. Antes que alguns o tomassem somente como “técnica”, mudando sua denominação prevista e o comercializassem por proveito próprio. Melhor seria que todos fossem esclarecidos, por toda nação e além, na doutrina acertada para o bem de todos nós necessitados de evolução.



Para o trabalho aberto ao público na casa, em Ramatis, recebíamos incontáveis assistidos, todos em busca de entendimento e alívio de seus padecimentos. Reservávamos um dia da semana especializado no atendimento de técnica espiritual aplicada de “Arte e Cura” por meio da cromoterapia. Papel branco e lápis de cera ofertado, manifestava-se o assistido por meio de seus desenhos coloridos ou monocromáticos, cheios de vida ou de escuridão, segundo seu estado espiritual/mental/emocional, enlaçando, de diversas dimensões, variadas formas e conceitos a desenvolver e purificar-se; aplicadas então, plasmadas espontaneamente, certas cores, matizes que denotavam as vibrações a que estavam necessitados desenvolver ou as frequências vibratórias viciosas que teimavam e permaneciam renitentes. O indivíduo captava situações normalmente, inconscientes ou não, a serem desvendadas e resolvidas, recebendo as benesses daquela frequência vibracional sugerida ou livrando-se dos resíduos acumulados que coloriam o seu campo vibracional, principalmente, mental ou emocional, que acoplados em desarmonia, no tempo jaziam. Alocava o médium, distante em sala diversa, situações a serem tratadas e neutralizadas. Eu, mediadora entre os planos de realidade multidimensionais, falava baixinho com o dirigente atento.

Dizia o atormentado irmão, desencarnado há mais de dois anos, constantemente importunado e canalizado por outros encarnados, impelido à loucura pelo falatório frenético que lhe aborrecia, direcionado por seus inconformados familiares, iludidos da realidade que os

cercava. No hospital espiritual, localizado no mundo etérico, mantinha-se, o irmão instalado até sua completa adaptação do atual plano dimensional, de sua vigente condição e do desligamento de todo sofrimento passado, acometido pela doença fulminante que se lhe suscitou em corpo físico no plano tridimensional. A tia solitária, sombria e teimosa, lamuriava-se com reza repetitiva, cega de tudo, na atual realidade, chamando o falecido, inconformada. A médium visualizava a parenta depressiva por meio da presença ali canalizada, em outra sala, que já não mais suportando a penosa situação, relatava ao trabalhador que o assistia, o abatimento grave da tia em questão. Estava requerendo ajuda para tal caso, do grupo de apoio de trabalhadores daquela casa. A mulher fixamente vasculhava em suas memórias e também nos objetos deixados pelo falecido, revolvendo no tempo passado momentos doloridos, condicionando o nervoso rapaz a seu persistente pensamento. Este hábito danoso fazia verter na própria pessoa que o gerava a descarga hormonal, também envolvendo e acessando seu sobrinho receptor que relembra intoxicado, sem fim, seus traumas e consternação sofridos no mundo físico, ao qual pertenceu sua personalidade. Desesperado, pedia choroso que aquela comunicação lamuriosa parasse; dia e noite ouvia a choradeira da tia impedindo sua completa recuperação programada naquele “novo” mundo.

A personalidade, em plano paralelo, mais sutil, segue vivendo, apenas descartou-se de sua roupagem orgânica, da qual o Espírito já não mais pode consagrar-se, e providencialmente, o Ser em processo de regeneração, recebe todo tratamento espiritual, condizentemente daquela vibração à qual pertence e segue morador, momentaneamente até alçar planos mais altos ou novamente reencarnar. Será que todos aqui na Terra estão conscientes disso ou elegem permanecer iludidos?

A tia recebe mensagem de entendimento por meio do parente pedinte, da ajuda providencial e, pode repetidas vezes, ser tratada a distância, acompanhada pelo mesmo grupo fraternal, até alcançar certo amadurecimento espiritual.



Voluntária trabalhadora, viajante no espaço-tempo, eu percorria projetada, para frente e para trás, os planos dimensionais entrelaçados. No presente, espiava a movimentada rotina dos colonos na lida da terra. Carreavam cautelosos, montanha abaixo até o vilarejo, a lombo de burro, os balaios recheados com os frutos da plantação do ladeiro solo arado, fértil e cheiroso. Meu olhar infiltrado era conduzido pela trilha tortuosa acima, ladeada por alta vegetação. Abre-se passagem para dimensão paralela de retida realidade, bastando o cume alcançar. Com os olhos fechados, junto ao grupo de voluntários socorristas, eu desenhava, documentando todo o cenário, colorindo o papel branco preparado à minha frente. A noite estrelada pontilhava o firmamento cardinalado daquele mundo construído. Uma voz próxima orientava certa precaução daquela aproximação eminente e perigosa. Respeitosa e prevenida, eu observava o homem à frente do mausoléu no alto da grande colina. O templo altivo, local dimensional de descanso, isolado de todos, eterna prisão, de vegetação encoberta, enxertada na terra. O impressionante Ser diante de mim mostrava-se majestoso, vestido de brilhante túnica azul profundo, adornada de prata brilhante e enfeitada por infinitos cristais cravejados. Curioso adereço, espécie de chapéu, encobria sua face misteriosa que eu tentava inutilmente desvendar. Todo o perímetro daquele adorno envolvia sua cabeça com diáfanos fios pingentes, à altura do seu pescoço. Interpenetrado por opalina bruma, o misterioso homem exalava repulsiva e gélida vibração, como a noite fria. O primeiro imperador chinês, Shi Huangdi (259 – 210 a.C) fazia-me olhar para a imensidão do seu “arquitetado” céu estrelado. A dinastia Qin (Chin) foi marcada pela conquista e unificação da China por seu cruel comando. Acabara por construir, obstinado, seu Universo em miniatura, também no plano físico, com seus tesouros e exército de terracota, ali foi sepultado, em sua mortuária colina, permanecendo assim desde então. Buscava o segredo da imortalidade, ansiava por encontrar o conhecimento perdido, ambicionava ser em vida como os deuses. Deteve-se e permanece até o momento, vítima de seu próprio orgulho e soberba, assombrando, retido solitário e prisioneiro em seu mundo ilusório. Seu tempo previsto de permanência

naquele mundo artificial, criado por ele, não pode ser estimado, não pode e não deve, não nos diz respeito a qualquer mortal, só aos grandes Mestres da Luz regidos pelas Leis Universais.



O iluminado mensageiro faz-se presente ao amoroso e voluntário grupo fraterno então reunido em uma casa em Ramatis, aberta e direcionada ao auxílio de irmãos encarnados e desencarnados; apresenta importantíssima tarefa de assistência e convida para a programada reunião fraternal apenas dois dos irmãos que juntos ao mentor espiritual seguem prestativos naquele desígnio, desdobrados em veículo astral. Escoltados e na aproximação, cruzando determinada região fronteira que delimitava os planos dimensionais, apenas um dos dois convocados, segundo a condizente vibração requerida, foi permitida a entrada naquele céu superior, no prosseguimento daquela localidade, uma cidade/berçário, extremamente protegida pelos vigilantes atentos. Do alto, desdobrada em veículo mais sutilizado, eu podia ver o imenso e flamejante coração azul sinalizando o local exato a acessar naquele Céu Etérico. Quanto mais me aproximava daquele sutil plano espiritual, mais extraordinária exposição da estrutura organizada e protetora eu vislumbrava. Entrevia de início, tomando a termo a simbologia demarcada e que compunha aquela localidade, porém depois chegando bem mais próximo, avistava as criancinhas de Luz, aninhadas qual rosinhas em botão, lado a lado, em formato de afetuoso coração representativo. Recolhidas à semelhança de farto ramallete, confortavelmente aconchegadas em reconfortante sono preparatório, para meu encanto e agradecimento de poder ali estar, as belas Almas por reencarnar, amparadas e abrigadas, ali permaneceriam à espera do chamado, naquele plano superior, aguardando o momento propício – a ocasião de a concepção adentrar para novamente renascer. Com seus rostinhos apoiados ao solo flutuante feito nuvem, elas permaneciam acomodadas, joelinhos dobrados, projetando seus empinados bum-buns para cima, embrulhados em fraldinhas de luz azul. Fui recebida

por nobre cuidadora e compromissada irmã da Luz que me expôs a tarefa acertada a impender.

Durante um bom tempo, nosso compromisso, na casa, em Ramatis, era de receber e orientar os casais empenhados em conceber ou adotar, e conscientemente amorosos, ou nem tanto assim, para a aceitação, no amparo e no acolhimento daqueles espíritos emprestados de Deus, ansiosos por reencarnar; oportunidade de novamente recomeçar seu adiantamento espiritual renascendo no mundo tridimensional.

A Bem-Amada Mestra Ascensionada Kuan Yin, a Deusa da Misericórdia, em sua infinita bondade envolvia os casais que ali compareciam, para atendimento, em alta frequência Púrpura-rei (Sexto Raio – qualidade Divina, Misericórdia e o Perdão Divino, Compaixão, Paz e Amor incondicional; o que o Mestre Jesus, há dois mil anos, veio ensinar aos Homens), abençoando todos, as suas famílias, os buscadores e os necessitados de alívio nos conflitos da aceitação envolvidos; com o poder de transmutar os *karmas* entre pais e filhos, gerados, principalmente, no tempo, através da rejeição dos muitos abortos cometidos, abarcando-os na Chama Violeta. Kuan Yin, no Oriente, é conhecida como a Mãe Divina e assim reverenciada pelo povo asiático. Dentre aqueles assistidos que ainda conservava-se em desalinho, desarmonia de mente e emoção, negligenciando a vida em exigência por meio do cometido crime do aborto, ou do abandono e de outras sabotagens, a Mãe amorosa elevava-os aos mais altos propósitos da Alma a lapidar-se. Ela os libertava dos sentimentos de ódio, vingança e autojustiça em relação aos outros Seres envolvidos, preparando, assim, o ambiente para a chegada daqueles seres de luz que visitamos na cidade/berçário.

O aborto é considerado gravíssima infração da Santa Lei Divina, construindo pesados *karmas* a serem reparados no tempo e no ritmo corretos para todos os envolvidos.



Alarmados e com o coração abastecido de vibrante dedicação, saímos em busca dos irmãos para o socorro previsto. No mundo espiritual,

foi mobilizado a tempo, pelos Dirigentes da Luz, todo amparo possível, providenciada e acertada convocação aos grupos de apoio, também de voluntários socorristas encarnados no atendimento de tão grande acontecido. Os hospitais e as casas de apoio nos variados mundos paralelos estavam preparados para a grande movimentação futura. O cenário devastado era aterrador e impossível de ser concebido, se não ao vivo, triste realidade, e mesmo assim difícil de descrever tamanha a magnitude da destruição. No caminho, avistávamos outros tantos grupos conectados à tarefa fraterna no auxílio de tanta gente necessitada. Estávamos chocados e nervosos com a gravidade do caso e com a teimosia da maioria do povo que, resignados pelo reconhecimento dos dogmas religiosos aprendidos e assimilados, não alcançavam reagir a contento, ao contrário, colocavam-se inertes a qualquer atitude positiva para dali se moverem e emanciparem-se resgatados. O mentor da Luz foi logo esclarecendo ao grupo assistencial que apesar de difícil tarefa, a de deixar para trás tantos irmãos, esta era uma decisão alheia à nossa vontade e que jamais deveríamos interferir no livre-arbítrio de outrem. Não deveríamos nos deter a um caso em especial, nem de doutrinação, nem de insistência demasiada proposta a mentes conflituosas de elucidarem-se a contento. Deveríamos resgatar o máximo de irmãos já prontos e libertos de conceitos errôneos e sair logo dali. O Mestre nos alertava que mais um tremor arrasador estava prestes a recomeçar, sacudindo e abrindo a Terra; que deveríamos encaminhar somente aqueles que não permaneciam renitentes de sua condição desencarnada. Em meio aos escombros, muitas pessoas sem consciência do plano astral deslocadas, outras desesperadas, aos berros, ou em ofuscada reza repetitiva, não nos enxergavam. Iludidas em negação, rejeitavam todo apoio ofertado da providência Divina dos irmãos da Luz. Lembro bem que, entre tantos que resgatamos, um deles me marcou muito. Era um homem bem alto e pesado, com fartos bigodes negros e pele bem clara. Permanecia paralisado, em pânico, entorpecido, com os dois braços presos aos escombros. Retrocedendo na linha de tempo, momentos antes do desabamento, eu enxerguei tal homem na bilheteria trabalhando. No momento exato do terremoto, ele manteve seus braços posicionados,

agora amputados, na abertura debaixo das antigas e rebuscadas grades de ferro pintadas de dourado. Acredito que aquele lugar anteriormente era um amplo cinema ou talvez um teatro. Suas pernas e seus quadris haviam sido dilacerados com o impacto arrasador. Segurava com minhas mãos seu rosto sofrido, de olhar vidrado, envolvendo-o para que saísse dali comigo, até que, desperto, reagisse de sua ilusão. Sua colorida camisa xadrez aos farrapos transformou-se em branca veste reparatória, ferramenta holográfica canalizada. O pesado homem, com custo, foi anulando sua imobilidade e, apesar das pernas cambaleantes, foi se arrastando apoiado no meu ombro. No caminho, mais pessoas foram reagindo e três deles me acompanharam até um local mais aberto. Todos aqueles do grupo e seus assistidos adentraram acomodados a um veículo voador, deslizante e silencioso, um pequeno ônibus/trem, com portas deslizantes e centrais, que se abriram espaçosas, disponibilizando no interior do transporte, muitos assentos para a viagem de condução. A agonia dos passageiros era tão grande que fomos um por um amenizando, dentro do possível, tratando seus ferimentos. Sentei ao lado do homem que desesperado chorava vendo o que sobrara de seus membros decepados. Com providenciais ataduras de Luz branca, eu envolvia seus braços e sua dor e consternação foi aos poucos se desfazendo. Ainda amedrontada, cumpria minha tarefa supervisionada. O Mentor da Luz, em sua fortaleza, aprovava minha rápida iniciativa, apoiava motivando-me com um sorriso. O Forte, gigantesco de alta e espessa muralha, envolvia e protegia o hospital espiritual, situado em um submundo astral de região escura e hostil. Uma lanterna a gás providenciada surge em minhas mãos como em um passe de mágica. Tomo a frente do grupo, conduzindo-os até o amparo providente. Naquele local de tratamento, muitos foram recebidos e acolhidos, outros partiram em despedida no mesmo veículo, conduzidos a planos mais sutis, do astral ou do mundo etérico, repatriados. Neste evento no plano tridimensional, ao findar da década de 1990, mais uma vez, o planeta Terra é marcado, levando ao desencarne quase duas mil dezenas de pessoas.

